

## A MODALIZAÇÃO NOS DISCURSOS DE UMA AUTORIDADE POLÍTICA E DE UMA AUTORIDADE RELIGIOSA

4

Rosângela Jovino Alves<sup>1</sup>

**RESUMO:** O estudo das modalidades é de fundamental importância na tentativa de reconstrução da intenção comunicativa de um texto, pois as modalidades são marcas enunciativas que podem caracterizar, no discurso, a opinião, o conhecimento ou, até mesmo, a intenção do falante em determinada situação comunicativa. Existem diversos tipos de modalidades, porém, aqui são estudados apenas dois: a modalidade epistêmica, que está relacionada ao conhecimento e às crenças do falante em relação ao mundo e ao que afirma; e a modalidade deontica que apresenta as ordens e obrigações que são impostas pela consciência ou por leis. Este trabalho trata do valor dessas modalidades

como marcas de enunciação que caracterizam a intencionalidade de discursos políticos e religiosos e, ainda, das diversas formas de lexicalização dessas modalidades, entre elas, os verbos modais polissêmicos que as regem. Para este estudo, foram selecionados como *corpora* de análise alguns discursos do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e alguns discursos do Papa Bento XVI. Nesses discursos, foi realizado um levantamento da frequência de ocorrência das modalidades epistêmica e deontica para que se pudesse verificar como representantes de dois tipos diferentes de poder manifestam linguisticamente seu grau de confiança naquilo que dizem e se fazem obedecer, tornando seu discurso efetivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modalização. Modalidade epistêmica. Modalidade deontica.

### 1. INTRODUÇÃO

Todo enunciado é constituído por marcas que nos permitem avaliar a intenção do falante. Ao fazer um discurso, o locutor faz uso de estratégias discursivas que levam o leitor à persuasão, uma vez que ele pressupõe uma intencionalidade comunicativa diante da comunidade discursiva em que está inserido.

Entre as marcas discursivas está a modalização. O estudo sobre a modalização é complexo e envolve diversos campos de pesquisas devido ao número de modalidades e à importância de cada uma delas. Assim, os estudos privilegiam ora uma, ora outra modalidade.

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestranda em Letras na UEM.

O estudo aqui realizado tem por objetivo investigar as modalidades epistêmica e deôntica, que caracterizam, no discurso, o grau do possível, do obrigatório e do permitido e, como *corpus* de análise, discursos de ordem política e religiosa veiculados na mídia. Cada uma das modalidades está caracterizada nos discursos pelo uso de indicadores modais que nos permitem identificá-las e diferenciá-las, analisando o valor modalizador que cada uma proporciona ao enunciado.

## 2. A MODALIZAÇÃO

A modalização é uma marca enunciativa, gramaticalizada na proposição e que diz respeito ao falante, ao ouvinte e ao modo de como aquilo que se diz é dito. “A modalidade linguística é entendida como o modo pelo qual o falante qualifica o enunciado por ele produzido, ou seja, é o julgamento do falante sobre as possibilidades ou obrigações envolvidas naquilo que está sendo dito” (PESSOA, 2007, p. 444).

### 2.1. A MODALIDADE EPISTÊMICA

A modalidade epistêmica situa-se no eixo do conhecimento do falante e exprime o grau de certeza em relação àquilo que é dito. Esse conhecimento varia desde uma proposição que é *absolutamente certa* até uma que *seria quase impossível*. As expressões apresentadas a seguir ilustram algumas das inúmeras possibilidades que a língua oferece para caracterizar os graus do possível no eixo do conhecimento de acordo com Neves (2007): *absolutamente possível > indiscutivelmente possível > bem possível > seria possível > pouco possível > muito pouco possível > quase impossível > seria quase impossível*.

A modalidade epistêmica pode ser: a) subjetiva: o falante se manifesta em relação ao conteúdo da proposição, ou seja, marca seu compromisso pessoal com a sua verdade. b) objetiva: o falante baseia sua avaliação no conhecimento de situações possíveis e está isento de responsabilidade, pois não existem marcas linguísticas que revelem sua relação pessoal com o que é dito.

No extremo da certeza, há um enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem relativização. Por outro lado, muitos enunciados oferecem um discurso com marcas do possível e, no entanto, contêm elementos gramaticais que, em princípio, confirmam certeza ao enunciado (NEVES, 1996, p. 179).

Assim, o grau de certeza expresso no enunciado permite ao falante/locutor dar credibilidade ao seu discurso, não abrindo espaço para dúvida em relação ao seu conhecimento sobre o que é dito. Até mesmo em situações em que o falante produz um enunciado com elementos que evidenciam o grau de não-certeza ou desconhecimento do assunto, chamados por Neves (1996, p. 174) de “elementos de relativização”, ele faz uso de elementos de asseveração (expressam certeza) ao lado desses elementos de

não-certeza (relativização), fazendo ressalvas e não perdendo a credibilidade.

Mesmo quando esse discurso é feito na primeira pessoa, o locutor pode isentar-se da certeza do conhecimento, exprimindo sua não-certeza em relação àquilo que é dito, sem perder sua credibilidade. Como afirma Kerbrat-Orecchioni (apud NEVES, 1996) “confirmando suas dúvidas e incertezas, o sujeito enunciador, ao invés de perder, ganha em credibilidade; desse modo, essa confissão constitui uma astúcia discursiva, já que, graças a ela, o enunciador se beneficia de um crédito de honestidade”. Algumas das expressões que exprimem essa não-certeza são: *eu acho, eu acredito, eu penso, na minha opinião, eu tenho a impressão etc.* O falante pode, ainda, dar credibilidade ao seu discurso, atribuindo as afirmações a terceiros, usando expressões como, *se diz, dizem, disseram, afirma*, entre outras.

## 2.2. A MODALIDADE DEÔNTICA

A modalidade deôntica caracteriza-se por elementos que expressam proibição, obrigação, permissão. Diferentemente da modalidade epistêmica, que vai do absolutamente possível até o praticamente impossível, a modalidade deôntica vai do absolutamente obrigatório ao permitido.

A obrigação é classificada por Almeida (1988) em dois tipos: a obrigação moral, interna, ditada pela consciência e a obrigação material, externa, ditada por imposição de circunstâncias externas.

De acordo com Neves (1996), “a obrigação pode expressar-se com auxílio de diferentes verbos modais o que está implicado no fato de que esses verbos tendem a apresentar significados que se interseccionam”.

De modo diferente da epistêmica, a modalidade deôntica não opera no nível da proposição. Como afirma Neves (1996), “ela não está relacionada a uma avaliação do falante, mas à ação do próprio falante ou de outros”.

A modalidade deôntica pode ocorrer, em um enunciado, ao lado de termos da modalidade epistêmica. Segundo Neves (2007, p. 175),

quando a modalidade deôntica ocorre com a epistêmica, elas não têm o mesmo âmbito de incidência, a expressão da modalidade epistêmica pode afetar a expressão modal deôntica, enquanto a relação inversa é impossível.

## 3. A POLISSEMIA DOS VERBOS MODAIS

Os principais verbos modais são DEVER e PODER. São esses verbos que empenham, na maioria dos enunciados, ambiguidade de interpretação, ou seja, em um enunciado é possível atribuir valor epistêmico ou valor deôntico. O verbo “Poder” pode significar capacidade/habilidade/permissão ou uma simples possibilidade; o verbo “Dever” pode significar obrigação, ordem ou uma simples necessidade, de acordo com o enunciado.

Neves (2007) afirma que é frequente nos estudos linguísticos sobre modalização o tratamento da questão da ambiguidade entre significados epistêmicos e significados de raiz e, dentre estes, especificamente, os deônticos.

Segundo Silva-Corvalán (apud NEVES, 2007, p. 180), “os verbos modais possuem um significado invariante, mas que, na sua interpretação, comunicam significados contextuais diferentes, como consequência de sua interação com outros elementos no contexto”. Assim, deve-se atribuir ao verbo modal o significado que melhor categorizar a situação expressa.

#### **4. A LEXICALIZAÇÃO DAS MODALIDADES**

De acordo com Neves (1996), as modalidades podem ser expressas: por um verbo; (auxiliar) modal; verbo de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber; por um advérbio, que ainda pode se associar a um verbo modal; por um adjetivo em posição predicativa; por um substantivo; e pelas próprias categorias gramaticais (tempo/aspecto/modo) do verbo de predicação.

Para Koch (1997), as modalidades podem estar lexicalizadas sob forma de: advérbios ou locuções adverbiais; verbos auxiliares modais; construções de auxiliar + infinitivo; e orações modalizadas.

### **5. UMA ANÁLISE DA MANIFESTAÇÃO DAS MODALIDADES EPISTÊMICA E DEÔNTICA EM DISCURSOS DE UMA AUTORIDADE POLÍTICA E DE UMA AUTORIDADE RELIGIOSA**

#### **5.1. O CORPUS**

Para este trabalho, foram selecionados alguns discursos feitos pelo Papa Bento XVI e alguns discursos feitos pelo Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. Nesses discursos, foram analisadas as incidências das modalidades epistêmica e deôntica, como elas são manifestadas e também a ocorrência dos principais verbos modais e seu caráter polissêmico. Foi realizado um levantamento da frequência de ocorrência de cada uma das respectivas modalidades. Por meio desta análise, buscou-se verificar como representantes de dois tipos diferentes de poder manifestam linguisticamente seu grau de confiança naquilo que dizem e se fazem obedecer.

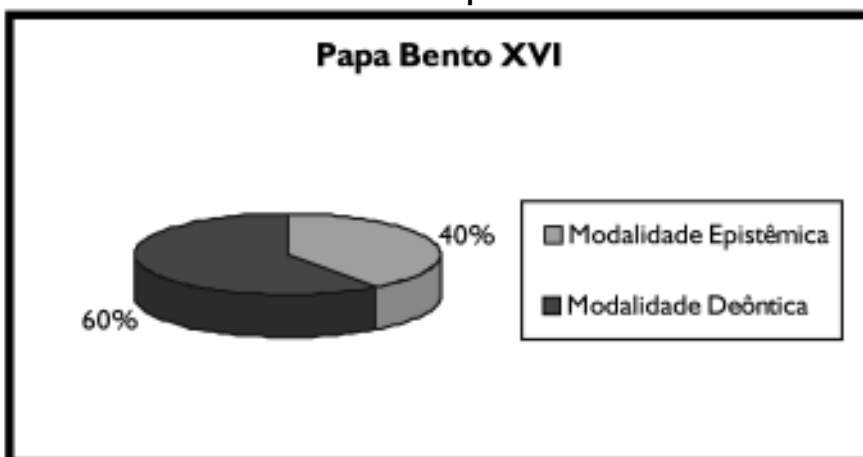
#### **5.2. ANÁLISE**

Nos discursos analisados, verificou-se uma relativa diferença na quantidade de indicadores modais encontrados nos respectivos discursos. Os discursos que tiveram como orador o Papa Bento XVI apresentaram um número menor de indicadores modais que os apresentados pelo Presidente Lula, pelo fato de aquele conter citações bíblicas. Porém, os percentuais de ocorrência de cada uma das modalidades encontradas são relativamente similares, como mostra o quadro I:

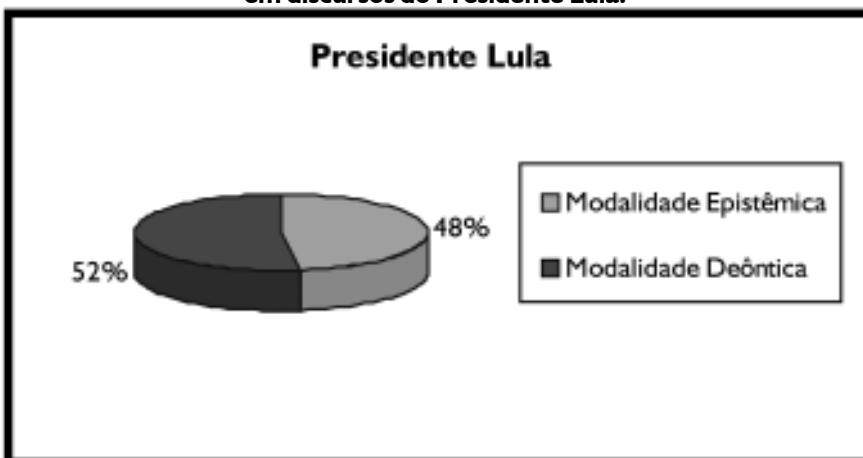
**Quadro 1: Número de ocorrências das modalidades analisadas.**

	Total de Ocorrências	Modalidade Epistêmica	Modalidade Deontica
Papa Bento XVI	62	25	37
Presidente Lula	128	61	67

**Gráfico 1: Percentual de ocorrências das modalidades em discursos do Papa Bento XVI.**



**Gráfico 2: Percentual de ocorrências das modalidades em discursos do Presidente Lula.**



Como pode ser verificado nos Gráficos 1 e 2, nos discursos proferidos por ambos os oradores, houve maior ocorrência da modalidade deôntica, porém os discursos feitos pelo Papa Bento XVI apresentam um percentual maior dessa modalidade. O uso da modalidade epistêmica também apresenta um percentual maior de sua ocorrência nos discursos do Papa em relação aos discursos do Presidente Lula. É importante ressaltar que a modalidade epistêmica apresenta uma diferença significativa quando expressa no campo da certeza e da não-certeza.

Nos discursos feitos pelo Presidente Lula, predominam o discurso em primeira pessoa e um número maior de verbos e expressões que dão ao falante um comprometimento com o que está sendo dito, permitem-lhe registrar a não-certeza e, mesmo assim, ganhar em credibilidade, como pode ser visto em (1), (2) e (3), uma vez que, ao situar seu discurso no campo do graduável, o falante legitima espaço para registrar sua opinião e a sua não-certeza.

- 1) *É de 40 a 20, se não me falha a memória*, o número de participantes (Lula)
- 2) *Eu acho* muito difícil qualquer político eleito daqui pra frente tentar mexer nessas coisas (Lula)
- 3) *Talvez* tenha sido depois o próprio imperador quem escreveu (Papa)

Em contrapartida, os discursos feitos pelo Papa Bento XVI apresentam um número maior de asseverações, ou seja, o falante promove seu discurso no campo da certeza, sem deixar espaço para a dúvida, ele o faz no terreno da certeza, qualificando-se, por vezes, como autoridade credenciada, como expediente de reforço do conteúdo asseverado, como pode ser verificado em (4), (5) e (6).

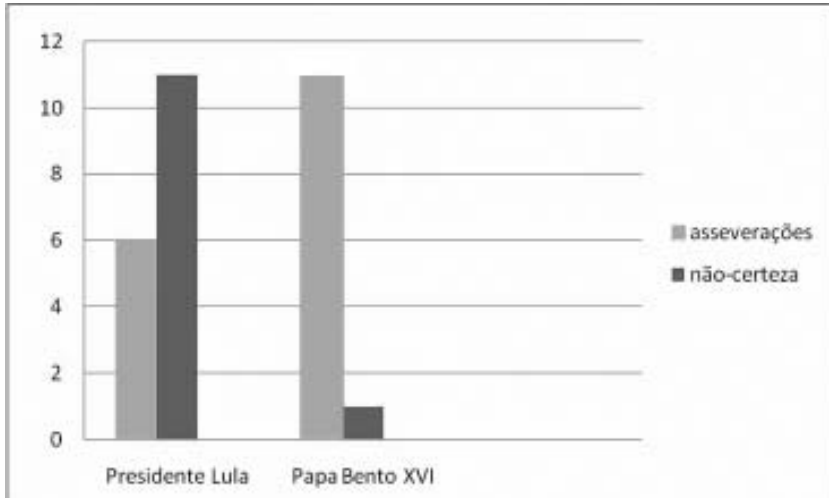
- 4) *sem dúvida*, as diferenças são infinitamente maiores que as semelhanças (Papa)
- 5) e *não resta a menor dúvida* de que o primeiro fruto, dentre muitos que pude constatar, foi o da fraternidade exemplar havida entre todos (Papa)
- 6) *Tenho certeza* de que prioridades como essas, que marcam o nosso empenho pessoal à frente do governo brasileiro, são particularmente caras a Vossa Santidade e, *certamente*, contarão com a corajosa contribuição, sempre elevada e eficaz, da Igreja Católica (Lula)

O Gráfico 3 ilustra a ênfase da diferença existente entre o uso de *asseverações* constantes nos discursos do Papa e do uso de termos de *imprecisão* feitos pelo Presidente Lula.

Um modo de enunciado modalizado epistemicamente em que o falante não dá efetiva garantia ao discurso é o uso de verbos no pretérito do modo indicativo, como podemos ver em (7).

7) para além dela existiria a liberdade de Deus, em virtude a qual Ele *teria* podido criar e fazer também o contrário de tudo que efetivamente fez (Papa)

**Gráfico 3: Número de ocorrências que expressam asseverações ou não-certeza em relação ao que é dito.**



Os discursos de ambos os oradores contêm uma quantidade maior de modalidade deôntica, que vai do permitido ao obrigatório, e um número equilibrado na divisão entre obrigação interna e obrigação externa. Os exemplos (8) e (9) mostram exemplos da modalidade deôntica como expressão da obrigação moral interna, ou seja, uma obrigação ditada pela consciência.

8) *Nós temos que lembrar* que esse jovem é resultado de praticamente 2 anos e, que não se apostou na educação (Lula)

9) Por que com toda a alegria diante das possibilidades do homem, vemos também as ameaças que sobressaem destas possibilidades e *devemos* perguntar-nos como podemos dominá-las (Papa)

Em (10) e (11), podemos verificar a ocorrência da modalidade deôntica que expressa obrigação externa, ou seja, a obrigação ditada pelas circunstâncias externas:

10) quem quiser levar alguém à fé, *precisa* da capacidade de falar bem e de raciocinar corretamente (Papa)

11) para termos um crescimento acelerado, duradouro e justo, *devemos* articular cada vez melhor a política macroeconômica (Lula)

A incidência dos verbos polissêmicos, nos discursos analisados, é equilibrada. As orações que contêm verbos polissêmicos podem nos permitir uma interpretação de acordo com o contexto, assim, mesmo permitindo uma dupla interpretação, esses verbos foram analisados de acordo com o enunciado, e seus significados foram atribuídos às modalidades aqui estudadas. Os exemplos abaixo mostram como esses verbos podem atribuir dupla interpretação ao leitor, e no exemplo (12), o verbo “dever” tem caráter polissêmico. Observe-se que ele pode ser interpretado como uma *obrigação*, “*ela tem que aceitar*”, ou pode ser interpretado como uma *simples possibilidade* “*é possível que ela aceite*”.

12) Ela mesmo *deve* simplesmente aceitar a estrutura racional da matéria e a correspondência entre nosso espírito e as estruturas racionais (Papa)

Em (13), nós temos um exemplo semelhante, em que o verbo “dever” pode indicar a *obrigação* “*Ele tem que assentar o diálogo*” ou a *simples possibilidade* “*É possível que ele assente o diálogo*”.

13) Ele *deve* assentar-se sobre o diálogo construtivo entre diferentes culturas e visões de mundo (Lula)

O exemplo a seguir mostra a polissemia do verbo “poder”. Em (14), o verbo “poder” pode indicar que *não é possível* algum organismo substituir as Nações Unidas, ou por outro lado, que ninguém tem a *capacidade* de substituir, ou ainda que *não é permitido* a ninguém substituir as Nações Unidas.

14) Nenhum organismo *pode* substituir as Nações Unidas na missão de assegurar ao mundo convergência em torno dos objetivos comuns (Lula)

As modalidades estão gramaticalmente expressas, nos discursos analisados, sob a forma de:

a) advérbios:

15) *Possivelmente*, foi espelhado naquele documento em que nós produzimos alguns programas que vocês conhecem (Lula)

16) Mas as decisões de fundo que, *precisamente*, se referem ao relacionamento da fé com a investigação da razão humana (Papa)

b) verbos auxiliares modais:

17) Mas a pergunta acerca do porquê deste lado de fato existe e *deve* ser encaminhado pelas ciências naturais a outros níveis e modos de



pensar a filosofia e a teologia (Papa)

18) Agora, com a possibilidade de introduzirmos a soja no H-Bio, você *pode* ter um mercado regulador (Lula)

c) Por verbos que expressam opinião, saber, crença:

19) Eu *acho* que há um processo de degradação da estrutura da sociedade, a partir da família (Lula)

20) *Creio* que é o momento de dizer com toda clareza que a retomada do desenvolvimento justo e sustentável requer uma mudança importante nos fluxos de financiamento dos organismos multilaterais (Lula)

d) por um adjetivo em posição predicativa:

21) É *necessário*, igualmente, que este crescimento esteja inserido em uma visão estratégica de desenvolvimento que este país havia perdido (Lula)

e) por um substantivo:

22) E hoje eu posso, sem nenhuma *dúvida* afirmar (Lula)

f) pelas categorias gramaticais (tempo/aspecto/modo) do verbo de predicação:

23) Se fosse a sua vontade, o homem *deveria* praticar também idolatria (Papa)

É comum encontrar essas categorias gramaticais ao lado de advérbios modalizadores:

24) *Talvez tenha sido* depois o próprio imperador quem escreveu (Papa)

Podemos encontrar nos discursos, também, um exemplo que mostra a modalização deôntica ao lado de um advérbio modalizador (epistêmico):

25) Esta é uma condição perigosa para a humanidade: verificamos isto nas patologias ameaçadoras da religião e da razão que *necessariamente devem* manifestar-se (Papa)

## 6. A NOÇÃO DE ETHOS NO DISCURSO

Como pode ser observado no Gráfico 3, os discursos feitos pelo Papa Bento XVI apresentam um número elevado de certeza no campo do conhecimento, ou seja, a modalidade epistêmica nos seus discursos é frequentemente encontrada

sob a forma de uma asseveração, isto é, ele faz afirmações sem abrir espaço para dúvidas. Outro fato importante é o uso elevado da modalidade deôntica que caracteriza, no discurso, imposições e proibições encontradas sob a forma de obrigações morais internas e externas.

Maingueneau (2006) propõe uma análise desse fato baseado no conceito de *ethos discursivo*. Segundo ele, não há uma definição certa para o conceito de *ethos*, ele pode ser considerado uma noção discursiva que se constitui por meio do discurso, não é uma imagem do locutor fora da fala, é um processo interativo de influência sobre o outro.

Segundo Maingueneau (2006, p.55), “persuade-se pelo caráter quando o discurso é tal que torna o orador digno de fé. Mas é necessário que essa confiança seja efeito do discurso, não de uma prevenção sobre o caráter”. Assim, se levarmos em consideração o *ethos* do Papa, podemos justificar sua confiança ao falar, como um meio de persuasão que aproxima o ouvinte do seu discurso e assegura o que está sendo dito. Em geral, os discursos religiosos têm, como objetivo principal, ganhar a confiança do ouvinte, fazer com que aquilo que é dito se torne uma crença e, para isso, o uso de asseverações e de imposições garante a efetividade de um discurso convincente e seguro.

De acordo com Maingueneau, (2006, p.55),

a persuasão só é obtida se o auditório pode ver no orador, que ele tem o mesmo *ethos* que vê em si mesmo: persuadir consistirá em fazer passar em seu discurso o *ethos* característico do auditório, para dar-lhe a impressão de que é um dos seus que se dirige a ele.

Assim, podemos analisar o discurso do Presidente Lula de acordo com seu *ethos*. É do saber de todos, a simplicidade e o caráter popular da sua vida. Essa é uma imagem que vem sendo construída dia após dia, e seu discurso faz parte da construção dessa imagem. O discurso cheio de dúvidas e construído no campo da incerteza, porém sem perder a confiança do ouvinte, é próprio do *ethos* de quem busca mostrar em si o *ethos* que vê no auditório.

O uso da modalidade deôntica não torna seu discurso tão impositivo, esse fator é justificado pelo uso frequente da primeira pessoa do plural, a quem são atribuídas as obrigações e proibições e que incluem o próprio Presidente, sendo comum encontrarmos expressões do tipo: nós temos que, nós devemos, nós precisamos etc.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os discursos são de fundamental importância na relação entre os cidadãos (ouvintes) e os representantes do poder (locutores), sejam eles de ordem política ou religiosa. Em geral, esses discursos são formadores de opiniões e é por meio deles que as autoridades estabelecem contato com a população, seja para informar, defender, ou formar opiniões indispensáveis, buscando um objetivo específico. De acordo com Fiorin (2000, p. 52),

a finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite.

O estudo das modalidades é um, entre outros, que pode ser feito para caracterizar o intuito do discurso e como ele é formulado para que seu efeito seja propício ao falante/locutor. É por meio dele que podemos evidenciar marcas implícitas e explícitas no discurso, que garantem ao falante a convicção de falar, ser ouvido e ser “obedecido”. Sendo assim, este estudo busca fazer o estudo das modalidades nos discursos de uma autoridade política e de uma autoridade religiosa, para avaliar o grau de incidência de cada uma das modalidades estudadas para que esse discurso se torne efetivo.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João de. **A categoria modalidade**. Ponta Grossa: Uniletras, 1988.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.
- FIORIN, Luiz. **Alfa Revista de Linguística**. São Paulo: Unesp, 2000.
- KOCH, I. V. **A Inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997
- LUCENA, I. L. In: NOGUEIRA, M. T. (Org.). **Estudos Linguísticos de Orientação Funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas de Enunciação**. Curitiba: Criar, 2006
- MENEZES, L. C. In: NOGUEIRA, M. T. (Org.). **Estudos Linguísticos de Orientação Funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007.
- NEVES, M. H. M. In: KOCH, I.G.V. (Org.). **Gramática do Português Falado IV – Desenvolvimentos**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- NEVES, M.H.M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- NOGUEIRA, M. T. **Estudos Linguísticos de Orientação Funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007.
- PESSOA, N. P. In: NOGUEIRA, M. T. (Org.). **Estudos Linguísticos de Orientação Funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007.